

## **EDUCOMUNICAÇÃO: IIÊ AIYÊ E A VISIBILIDADE DA CIDADANIA NEGRA**

**Angela Schaun**

Doutora em Comunicação pela ECO/UFRJ, professora da Universidade Veiga de Almeida, pesquisadora Ad Hoc do NCE/ECA/USP e do CADCT-Bahia

**Resumo:** O texto apresenta aspectos da formação cultural afro-descendente como uma das mais contundentes expressões de Brasil, especificamente em Salvador na Bahia e exemplo recente da experiência em Educomunicação, responsável pela inclusão de um padrão estético singular e positivo daquela etnia como referência na mídia. Aborda as principais práticas comunicativas e pedagógicas do grupo cultural afro-descendente Ilê Aiyê como pioneiro na criação do movimento de auto-reconhecimento identitário, contribuindo para o surgimento de outros movimentos cuja característica principal é fazer da música uma mensagem de lazer e consumo simbólico, mas sobretudo de afirmação identitária e exemplo de Educomunicação nas comunidades e na mídia.

**Palavras-chave:** Educomunicação, grupos afro-descendentes, cidadania.

Uma questão se põe a respeito das inúmeras e incontáveis influências socioculturais afro-brasileiras: é umas das mais contundentes expressões de Brasil. Essa afirmação não vai ao encontro de uma versão de culturas autênticas, clamando por precursores históricos, anterioridades e originalidades. Também não é apenas uma reinvenção de tradições e a sua institucionalização, mas a permanente luta e a poderosa articulação comunicativa de agentes culturais, reproduzindo, relatando, recriando, narrando sobre si e sua comunidade ancestral. SIQUEIRA (1994) retrata este processo como sendo uma crença:

(...) A crença nos Orixás leva a uma participação junto ao sagrado que é, ao mesmo tempo, uma participação social, uma vez que, a pessoa, pelo rito de iniciação, se vincula a um sistema maior, que é o terreiro. A vida cotidiana dessas pessoas envolve, cria, dinamiza, uma série de pequenos processos participativos e organizativos. Esse conhecimento organiza e dá vida própria a certos núcleos comunitários, criando caminhos alternativos. Nesse sentido existem hoje diferentes tentativas de acesso a esse saber ancestral ao qual, é atribuído valor de mercadoria. Essa troca, que passa pelo dom de oferecer um serviço específico, que organiza núcleos comunitários, também se realiza nos blocos afro, com é o caso de Ilê Aiyê, Olodum e Apaches (FISCHER E DANTAS, 1992). Este patrimônio que se constitui na forma de poder e que corresponde a uma especificidade das comunidades afro-baianas é profundamente compartilhada com a sociedade (...).

O papel educutivo da espacialidade ancestral é o terreiro, SODRÉ<sup>1</sup> explica o papel pedagógico desse lugar, como um modelo de realização de Território, no sentido de pertencimento. O chamamento educutivo é um enunciado-lugar de convivialidade, portanto de pertença:

O terreiro, instituição continuada da tradição negro brasileira tem muito a ensinar. Há de fato um valor pedagógico no modo como os cultos tradicionais concebem as suas relações de organização interna ou no modo como manifestam os seus regimes de relacionamento com os espaços econômicos-políticos geograficamente hegemônicos da sociedade global... O terreiro é realmente o modelo de realização de um Território. No coração de um Estado-Nação capitalista, ou pretensamente capitalista, que carrega a memória negro-africana de um poder comunitário e pluralista.<sup>1</sup>

Os plurais e singulares clamam por vozes traduzidas em musicalidades, são tambores tribais<sup>1</sup> que ressoam e cantam os Brasis.

A musicalidade talvez seja a mais visível representação da influência afro-descendente na formação cultural brasileira. Fala-se em Brasil e fala-se de samba, de samba de roda, de ritmos e de tambores como rufares que pedem passagem para comunicar uma forma de ser eminentemente brasileira. Porém, é na comunidade litúrgica afro-brasileira onde reside a matriz de toda a sua singularidade. Representada pelo grupo do terreiro enquanto espaço de práticas e relações sociais reinventadas pelo candomblé, como religião ritual e do lugar, trazendo também a música como elemento fundamental, além da dança e das indumentárias com significados de representação do mundo, numa espécie de cosmologia ancestral que tem na natureza a maior razão de ser. Para a cultura afro-descendente o mundo é o cosmo, homem e natureza são um todo, indissociável, assim como corpo e alma são uma coisa só. A liturgia afro-brasileira forma uma comunidade, no sentido dado por MUNIZ SODRÉ, como sendo “um foco gerador de modelos” de relações e apelos à memória, memória não como função psicológica, mas como uma invenção de um passado, de uma ancestralidade que se afirma, e luta para “inscrever a singularidade afro-brasileira no espaço de coexistência nacional” (MUNIZ SODRÉ, 1999: 220-221).

É pelo sentido de reunião e de comunhão que se pode entender a resistência das populações negras no Brasil. Mas, também, mediante o significado de coesão é que se pode entender a força de aproximação da diferença, é o Axé. Foram inúmeras as nações negras que vieram para o Brasil e foi a aproximação do Axé, da saudação, que abriu todas as possibilidades que fazem parte da experiência de vida.

A Bahia como berço simbólico do Brasil vem produzindo e expandindo o sentido de inclusão cultural e consolidando a presença afro-brasileira, através da luta histórica de participação, mas principalmente pela exposição na literatura, e de toda a indústria cultural, da riqueza litúrgica, ao longo dos anos. Mais recentemente, essa presença foi amplificada pelo trabalho desenvolvido por grupos/blocos negros de música afro-baiana como a pioneira Associação Cultural Carnavalesca Ilê Aiyê, além de outros como Grupo Cultural Ara Ketu, Grupo Cultural Olodum e Associação Pracatum, apenas para citar o que possuem maior visibilidade.

O que diferencia esses grupos dos antigos é uma clara preocupação com a educação, a comunicação e a cultura, no sentido de incluir, de exibir um novo padrão estético, e portanto também ético e político. O discurso comunicacional é representado pela linguagem musical, comum a todos eles. A música é o canal e a mensagem, a comunicação; a educação é a filosofia de trabalho. Os grupos afro-descendentes sempre mantiveram práticas pedagógicas no sentido da tradução e transmissão da sua ancestralidade dentro do grupo de terreiro, espaço de reprodução e releitura do "ethos" africano-brasileiro. Na década de setenta, com os movimentos anti-racistas americanos do Poder Negro, (Black Power) a indústria fonográfica difundindo o reggae jamaicano e a musicalidade mesclada com os movimentos políticos, passam por um movimento de desterritorialização, se fixando em território baiano, num modo genuíno como nunca antes havia acontecido.

O fenômeno inicia com o Ilê Aiyê, pioneiro em levar o bloco de carnaval — formado exclusivamente por integrantes negros — às ruas da cidade, cantando e louvando a mãe África. No final da década, vem o Olodum, Ara Ketu que se expandem principalmente na década de oitenta, juntamente com outros não pesquisados, como o Muzenza e o Malê de Balê. GOLI GUERREIRO, jornalista e fotógrafa baiana, produziu um estudo interessante sob o título de “A Trama dos tambores — a música afro-pop em Salvador” (2000) onde registra, com detalhes, o desenvolvimento do movimento musical baiano a partir da inspiração motivada nos grupos afro-descendentes e, sobretudo, dos seus percursos muito próprios de

busca de uma auto-afirmação cultural, visando firmar uma nova imagem de singularidades, remetendo à rítmica e à iconografia de origens africanas.

Na década de noventa, foi criada a Pracatum pelo músico, cantor e compositor CARLINHOS BROWN, trazendo características mais profissionalizadas, e sempre mantendo a inspiração nas matrizes africanas. A Pracatum é de primeira aparição a novidade, a mistura e a reterritorialização de um modelo de hibridização mais agudo, carregando consigo, os traços das culturas indígenas da Terra Brasilis, e que, ao mesmo tempo, vem transmitindo os mapas das mesclas e choque urbanos. Este exemplo qualifica as ressonâncias re-criadas nos ambientes metropolitanos como reciclagens culturais que vão se sedimentando sobre outras já existentes e estabelecendo conexões e redes, antes invisíveis, pois que também inexistentes nesse modo específico de visibilidade e de coisa pública e publicizada.

Todos esses grupos mantêm suas práticas educativas e comunicacionais nos seus bairros de origem, dando um sentido de comunidade, de pertencimento, sem no entanto deixar de transitar por outros bairros de Salvador, na Bahia. Apresentam em comum o fato de valorizar a comunicação como um bem social que adquire dimensão ética na medida em que é utilizada para dar visibilidade a uma estética até então excluída do mundo visível, do mundo iluminado e irradiado da grande mídia. Assim, o corpo negro, na medida em que exibido como possibilidade estética, passa a ser percebido como uma diferença possível, como existência mesma, libertando-se, pouco a pouco, dos grilhões estigmatizados a que foi submetido na história brasileira. O negro da Bahia produz um movimento singular de inclusão e de aproximação, no sentido que é atribuído por MUNIZ SODRÉ, como sendo a força da aproximação das diferenças que já estava contida no pensamento do filósofo HERÁCLITO quando este propõe a palavra "ksynon" que significa coeso para dizer da força de constituição dos grupos humanos em comunidades, afirmando que não pode ser explicada apenas pelo que existe de comum mas sim pelas diferenças<sup>1</sup>.

Ao incluir a estética negra, específica do lugar, de Salvador, da Bahia, mas também do Brasil, de forma mais presente e constante, mas também em contextos diferenciados como no Pelô, no Candyall, no Curuzu, ou no Subúrbio Ferroviário, os grupos expandem a possibilidade de reconhecimento dessa mesma estética enquanto força política.

Os elementos que permeiam a comunicação dos grupos afro-descendentes estudados são: a música, as cores, as danças, os ritmos, os gestos, as formas singelas, valores ancestrais reciclados, hierarquias modernizadas, de onde subjaz um discurso político articulado com o mundo contemporâneo. É um mundo visual, um mundo de acordo com as possibilidades multifacetadas que nos traz a mídia.

Inserção no mundo cidadão, específico da condição negra, buscando e voltando-se para a realidade, reciclando toda uma carga de informação voltada para o cotidiano e para a possibilidade de um dever.

O pioneirismo do Ilê Aiyê no movimento musical baiano e brasileiro explodiu na década de 80 com o surgimento de outras entidades, cujo ritmo mágico, dominou até a guitarra baiana, transformando radicalmente o ritmo do carnaval da Bahia.

As manifestações culturais baianas, a partir do Ilê Aiyê, se voltaram para a busca dos ritmos inspiradores no patrimônio cultural africano. Esta contribuição não se restringiu ao âmbito das manifestações carnavalescas: a incursão de diversas estrelas da M.P.B, CAETANO VELOSO, GILBERTO GIL, LECY BRANDÃO, MARTINHO DA VILA, PAULINHO DA VIOLA e tantos outros nessa área musical é uma prova disso.

Parece ser objetivo principal desses grupos a expansão e preservação da cultura de origem e inspiração africana no Brasil, assim como o seu reconhecimento como uma das matrizes formadoras do povo brasileiro. Esta é uma função eminentemente educativa, e, na medida em que consegue penetrar como verdade e evidência no contexto da mídia, permite-se instalar uma função também comunicativa, no sentido fenomenológico, mas também

histórico. Portanto, trata-se de um fenômeno da educomunicação, onde princípios éticos estão imbricados com valores estéticos, de sensibilidade, de percepção, no sentido de uma afirmação positiva, de reconhecimento do outro na sua alteridade e mesmidade.

Ilê Aiyê, Canto e Beleza

*“A educação é uma função tão natural e universal da comunicação humana, que, pela sua evidência, leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária. O seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático”.* (JAEGER, 1995).

Antônio Carlos dos Santos Vovô, ou simplesmente Vovô, presidente da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê afirma que a entidade surgiu como uma construção social, e como tal uma construção educativa de reconhecimento do negro a partir das suas raízes. O Ilê Aiyê nasceu como uma entidade que buscava a reivindicação do lazer, aproveitando a idéia do “brincar” para fazer política e cultura. “Política de mostrar o que é ser negro e transformar neguinhos em negão. Cultura da Senzala, que a Casa Grande diz que não tem”.

Ilê Aiyê quer dizer A Casa do Barro Preto na língua nagô, o abrigo do homem preto. O nome ia ser Poder Negro, conforme relata a Yalorixá Mãe Hilda de Jitolou, mãe de santo do Terreiro de Jitolou, no Curuzu, onde está a sede do Ilê. Mãe Hilda lembra que O Ilê Aiyê inicia o seu projeto educacional a partir dos anos 70, mais precisamente em 10 de novembro de 1974, baseado na comunicação da cultura negra enquanto estética própria inspirada na raiz africana, através do resgate dos principais arquétipos da ancestralidade religiosa. A sua estratégia é de visibilidade pública, colocando como visão ser:

Uma instituição sócio-carnavalesca reconhecida internacionalmente como modelo de referência, primordialmente para as entidades culturais e musicais de valorização da comunidade negra, com uma gestão auto-sustentada.<sup>1</sup>

O Ilê Aiyê se define como uma entidade, aquela que é, pois o ente objetiva, concretiza, enfim traduz e representa a existência mesma, no sentido heideggeriano. A missão concretiza este conceito quando se propõe a:

Difundir a cultura negra na sociedade, visando agregar todos os afro-brasileiros na luta contra as mais diversas formas de discriminações raciais, desenvolvendo projetos carnavalescos, culturais e educacionais, resgatando a auto-estima e elevando o nível de consciência crítica, através do lúdico.

Ao assumir o modo lúdico de ser, a alegria, a brincadeira, a proposta da entidade afirma os princípios ancestrais onde não separa o ser do viver, onde homem e natureza são uma coisa só, onde a vida é celebrada a todo o instante, pois, vida e morte estão ligadas num mesmo todo. A celebração à vida, sem o sentimento de culpa, é uma das características da liturgia afro-descendente. Aqui, percebe-se uma das interfaces com a educomunicação, quando os seus agentes, apesar das dificuldades, não se lamentam ou se alimentam de críticas estéreis, não se fecham nos seus espaços fechando os olhos para a realidade.

Os educadores são agentes de transformação na medida em que aceitam desafios e buscam, inspirando-se no cotidiano e nas referências locais, mudar a realidade com projetos criativos e inovadores, sempre privilegiando o convívio e o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos. Uma das questões que eleva a ação educacional a um patamar nitidamente complexo, constituindo-se num agir integrado é a sua preocupação em imprimir princípios e valores voltados ao respeito, ao bom convívio e à solidariedade. Mais uma interface pode ser identificada entre a experiência analisada e o conceito de educomunicação. Esses aspectos podem ser encontrados no documento referencial do grupo Ilê Aiyê, comprometendo-se a difundir e defender como princípios e valores:

**O RESPEITO** aos mais velhos como suporte de **BOM COMPORTAMENTO**, garantirá a preservação das tradições religiosas afro-brasileiras. **A DEFESA DO POVO NEGRO** será garantida com a prestação de **SOLIDARIEDADE** às diversas lutas sociais.

Educomunicação: o exemplo do Projeto Pedagógico e Cultural do Ilê Aiyê

Para melhor traduzir os aspectos relacionados ao contexto da educomunicação, necessitamos nos reportar ao documento referencial básico do Ilê Aiyê, onde estão registrados os mais significativos propósitos da instituição. Conforme encontramos nos relatos escritos do grupo, eles se autodenominam “Ilê Aiyê: O Mais Belo dos Belos, o Afro-Pioneiro”. Este sentimento de matriz, de origem vem permeando as ações do Ilê, e vem sendo legitimado pelos demais grupos e pelo povo baiano, incluindo artistas que sempre buscam nele alguma inspiração de origem, mesmo que não se busque um purismo nessa afirmação, há uma relação entre o nome do Ilê e o de pioneirismo, legitimado no âmbito dos movimentos dos Blocos afro na Bahia. É como se o Ilê guardasse o segredo da ancestralidade, e coubesse-lhe o papel de manter viva as manifestações, enfim ao Ilê cabe o mito de traduzir os segredos do sagrado.

Durante mais de duas décadas esta entidade tem sido responsável por reintroduzir de modo diferenciado a questão do processo de conscientização do negro baiano, usando a música como principal argumento, mas não como única possibilidade. O Ilê Aiyê inicia o seu projeto educacional a partir dos anos 70, fundamentado na comunicação da cultura negra enquanto estética própria inspirada na raiz africana, através do resgate dos principais arquétipos da ancestralidade religiosa. A sua estratégia é de visibilidade pública, apresentando uma mensagem plena de ritmos e falas, naquele que era, e ainda é, o maior palco da cultura de massa no Brasil: o carnaval de Salvador.

O projeto do Ilê Aiyê inaugura uma nova estética a ser reconhecida pela maior parte da população de Salvador, e posteriormente com repercussões nacionais e internacionais, sem perder seu compromisso político e social. O seu discurso se instala inicialmente homenageando o lugar onde habita aquela coletividade, o Curuzu, no bairro da Liberdade.

O Ilê reverencia a cultura afro-brasileira no que esta tem de mais original: a sua religiosidade, o seu imaginário, a sua iconografia, a sua "Arcké". A sua aparição, enquanto bloco carnavalesco, vem precedida de um discurso político, estético, eminentemente pedagógico e cultural. Principia pelo ritual dos orixás para abençoar a saída do bloco para ganhar a rua do carnaval. “Botar o bloco na rua” vem a ser uma entrada no mundo da comunicação midiática enquanto ideologização política educacional. No intuito de brincar, de fazer um bloco de negros, para mostrar o orgulho de ser negro, o Ilê Aiyê ganha as ruas legitimando toda a força da civilização africana descendente, agora não mais como símbolo de luta em favor da religião proibida até poucas décadas atrás, mas como um grito de Liberdade. A capacidade de comunicar de maneira tão clara esta Liberdade é também uma forma de instaurar um novo discurso. Discurso que vem feito de musicalidade, ritmo, coreografia e beleza, muita beleza. A Beleza Negra.

A festa da Beleza Negra passa a representar para a mídia o símbolo de um novo modo de ser. ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS, o líder VOVÔ, escolhe a estética negra para iniciar um projeto de profundo resgate sociocultural. VOVÔ fala do orgulho de ser negro, de como é bonito ser negro. MUNIZ SODRÉ retrata este composto que se traduz como existência, essência mesma da razão de ser e viver do homem:

“Para o homem da Tradição, existir não significa simplesmente ‘viver’, mas pertencer a uma totalidade – o grupo. Cada ser singular perfaz a sua individualização a partir dessa pluralidade instituída, onde se assentam as bases de sustentação da vida psíquica individual. (...) Na realidade, mesmo na dinâmica social contemporânea, a constituição psíquica do sujeito depende da força de continuidade do grupo, de modo que cada indivíduo configurasse como um lugar, um território ao mesmo tempo singular e social, sempre investido do desejo ancestral (familiar, clânico) de continuidade da espécie. A Ética (a cultura, em sua

originalidade) e precisamente a linguagem desse desejo. (...) mas também o clã, a etnia – é essencialmente grupo primário, este de onde procede a individualização, a matriz da identidade cultural dos indivíduos.(...) Nos grupos de pertencimento secundário, reúnem-se indivíduos já constituídos. É necessário que a individuação já esteja dada para que se forme o grupo secundário. Mas a individuação continua na forma da socialização e da interiorização de normas e valores. (MUNIZ SODRÉ, in LUZ, MARCO AURÉLIO, Agadá, 1995)

Ao trazer o raciocínio para a territorialidade histórico-brasileira, MUNIZ SODRÉ propõe, de forma mais explícita, uma comunicação traduzida em forma de construção cultural definida, específica de uma etnia:

No Brasil, esse ‘grupo zelador do orixá’ não é já-dado ou natural, mas construído, instituído, secundário. Não se trata de fenômeno único. São numerosos em todo o mundo os casos de grupos étnicos que, diante da ameaça de desintegração, combinam-se institucionalmente com outros gerando formações sincréticas.(...)Tais combinações seguem uma direção intercultural (nagôs com outros ‘nações’ africanas) e transcultural (negros com brancos). Através de atos interagidos, propiciados pela plasticidade institucional, o indivíduo negro entra em relação com os elementos da realidade histórica, mas também pode exercer uma ação sobre os elementos da realidade e sobre a estrutura real dos grupos sociais. (MUNIZ SODRÉ, in LUZ, MARCO AURÉLIO, Agadá, 1995)

Parece exemplar a colocação de SODRÉ quando explica a respeito da inter-relacionalidade entre a constituição dos grupos sociais para daí se estabelecer uma organicidade visível no tempo e no espaço. Suas colocações são feitas no prefácio do livro de MARCO AURÉLIO LUZ, aliás marco referencial para o entendimento da sociabilidade africano-brasileira, e substrato das preliminares do presente estudo. Ao introduzir o conceito de inter-relacionamento para situar o trabalho de MARCO AURÉLIO, SODRÉ representa este movimento como sendo uma forma de ritmos, cerimônias, o que vem ao encontro da percepção abduativa da proposta de estudo, assim, por exemplo:

“A dialética dessa movimentação – se é que se pode aqui usar o termo ‘dialética’ – passa por um inter-relacionamento complexo entre processos de grupos primário e secundário. No caso nagô, os primários deslocaram-se para o secundário na forma de ritmos, cerimônias, estruturas, que passaram a regular a organização do espaço e do tempo. (...) no Brasil a etnia teve mais características de grupo secundário do que de grupo de pertencimento primário. Aqui o grupo matricial de pertencimento foi o ‘grupo de terreiro’ ou grupo de culto, que foi um grupo construído, instituído, em função de uma reterritorialização político-cultural do negro em diáspora escrava e de uma dinâmica de comunicação entre os diversos sistemas e cultos. Tal é o sentido transcultural e intercultural da movimentação negra no território brasileiro. A posição litúrgico-existencial do elemento negro foi sempre a de trocar com as diferenças, assegurando a identidade ético-cultural e expandindo-se. Nessa operação não virge o princípio dialético da contradição e do terceiro excluído: os contrários atraem-se, banto também é nagô, caboclo também pode ser zelado como orixá.” (MUNIZ SODRÉ, in LUZ, MARCO AURÉLIO, Agadá, 1995)

Admitindo-se uma referência nova, uma "weltanschauung" própria, os sentidos mudam, bem como os seus significados. A construção do mundo navega pelos mares, e se re-instala em outro território, reconstruindo com e a partir de novos e outros significados, sem, no entanto, perder as suas referências estratificadas em ancestrais.

O Ilê Aiyê inspirou-se em referências teóricas para a sua idealização, reportando-se a um modelo de ideologização política a partir das informações do movimento negro norte-americano da década de 70, já referidos, das lutas de independência dos países africanos e, sobretudo, inspirou-se na resistência cultural afro-brasileira originária do Candomblé. A partir deste referencial, o Ilê Aiyê desenvolveu uma série de trabalhos de valorização da cultura negra, e passou a freqüentar a mídia local criando fatos relevantes culturalmente como a Festa da Beleza Negra, concurso onde é escolhida a Deusa do Ébano.

O Ilê Aiyê estabelece passos concretos para a libertação das populações afro-descendentes em busca da afirmação de Identidade Étnica-Cultural e direitos essenciais à educação, saúde, moradia, lazer e dignidade. O trabalho rítmico musical do Ilê Aiyê hoje incorpora alguns anos de vida, trabalho e experiência realizados através de eventos que animam, mobilizam e organizam uma diferente forma de viver na cidade de Salvador. De acordo com o documento referencial da entidade destinado a fundamentar o seu trabalho pedagógico, o Ilê vem concretizando a captação de recursos junto a organismos e instituições de financiamento, que vão possibilitar a construção de sua nova sede, com um projeto arquitetônico ambicioso, onde deverão estar abrigadas as ações sociais, culturais, mas, sobretudo, o seu projeto educativo.

A linha de trabalho do Ilê Aiyê se anuncia afirmativamente no contexto mediéxico, indo ao encontro de um projeto político ideológico/pedagógico, propondo e materializando-se em ações educacionais, como pode ser observado do conjunto de projetos e atividades desenvolvidos e programados que vêm se ampliando, ao longo dos anos. Para efeito de exemplificação dos referenciais apresentados na primeira parte deste trabalho, agrupamos as atividades, considerando as áreas de intervenção social propostas por SOARES, buscando as interfaces existentes no âmbito da inter-relação comunicação/educação nas práticas estudadas: Área da Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos

**Projeto de Extensão Pedagógica:** No Projeto as ações refletem um composto de atividades voltadas para a relação comunicação/cultura/educação, visando a formação para a cidadania, com o visível interesse em oferecer às crianças e jovens da comunidade do Curuzu o exemplo para promover o orgulho, a auto-estima e auto-reconhecimento da estética afro-descendente, numa articulação comunicativa inspirada em valores da ancestralidade. O projeto educativo-pedagógico está sendo articulado através de ações multidisciplinares.

**Projeto Banda Erê.** O trabalho de educadores com formação de especialistas e de nível superior e médio vem atendendo crianças e adolescentes, oferecendo formação musical de base rítmica, visando a formar os futuros membros das bandas afro. Os alunos estudam todos na rede oficial de ensino, sendo esta uma condição prévia para o ingresso na Banda Erê. Aprendem e ensaiam as músicas do Bloco Carnavalesco, e, não raras vezes, são selecionados por habilidade e talento, para as apresentações do Grupo, em âmbito local, regional, nacional e internacional.

**Escola Mãe Hilda** — Este é um projeto antigo da Mãe Hilda, para trazer as crianças para aprenderem também os valores e sentidos da cultura afro-descendente. Oferecendo também educação fundamental, a Escola traduz os dizeres, os segredos, as redes semióticas singulares da religião do Candomblé e da sua ancestralidade.

**Biblioteca e Produção Editorial** — “O Candomblé sempre foi casa de ensinamentos e esta função agora prossegue com as nossas diversas Escolas”. Estas foram palavras de MÃE HILDA durante o Primeiro Encontro de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, em 1995. Desde então, o Grupo iniciou o seu projeto editorial criando os Cadernos de Educação com o objetivo de traduzir símbolos e valores da trajetória histórica afro-descendente no Brasil.

**O 1º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê trata de algumas das mais importantes organizações negras brasileiras do século dezoito até a fundação do Grupo em 1974. Este

livreto com texto fácil e leve, intitulado “Organizações de Resistência Negra”, informa sobre um passado de resistência e convivência. Projeto de Extensão Pedagógica da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê. 1994.

**O 2º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê chama-se “A Civilização Bantu” e foi publicado em 1996, sendo que o mesmo assunto também inspirou o tema do carnaval. Vê-se assim, uma re-invenção no tratamento das singularidades, revertendo-se não apenas em ludicidade, mas, sobretudo, em compromisso educativo e comunicacional.

**O 3º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê foi inspirado em Zumbi dos Palmares e os 300 anos da sua morte, lançado em 1996.

**O 4º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê retrata “A Força das Raízes”, contemplando um universo de extrema importância e significado crucial para os descendentes de africanos no Brasil: o fenômeno religioso. Foi publicado em 1997.

**O 5º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê fala das “Pérolas Negras do Saber”, e foi editado em 1997, expondo a trajetória de mulheres e homens negros de talento cultural, intelectual, artístico, espiritual, criadores de Terreiros de Candomblé, de Blocos Afro, de organizações de resistência e de outras áreas. MARIA DE LOURDES SIQUEIRA, educadora do Ilê, sintetiza, na apresentação: “As diferenças devem ser celebradas como riquezas a serem socializadas, a serviço de um mundo que considere, com reconhecimento, diversidades e pluralidades, como valores essenciais do ser humano”.

**O 6º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê traz o tema “Guiné Conakry” com a sua história antes da invasão do colonizador e a sua luta de resistência para a liberdade, e foi editado em 1998.

**O 7º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê, saiu em 1998 e foi produzido após 200 anos da Revolta dos Búzios, em 1799, para homenagear quatro líderes negros mortos na época, por terem lutado por direitos iguais e bem-estar social.

**O 8º Caderno** de Educação do Ilê Aiyê trata dos ideais da Terra de Quilombo, fazendo ver as utopias, o “modus vivendi” e a atualidade dos ideais quilombinos. Trata-se da publicação mais recente, de 2000.

Para homenagear a Yalorixá do Ilê, Axé Jitolu, foi lançado o caderno especial com o título de “**Mãe Hilda — A História de Minha Vida**”, em 1998. O texto condensa os relatos da Mãe de Santo do Ilê, a sua ancestralidade, suas lembranças e ensinamentos.

O resumo das publicações visam constatar o sentido sancionado que contém a comunicação do Ilê, como que sacralizando sempre os seus relatos, mas também mediando com atualizações para mostrar a trajetória do tempo.

**Projeto Fábrica Educativa** — Ainda está em fase de planejamento. A sua criação está voltada à produção de bolsas e calçados de couro com motivos representativos da iconografia afro-descendente. Hoje, alguns cursos profissionalizantes já são oferecidos em convênio com instituições públicas e privadas e diversas entidades, com objetivo principal de criar uma mentalidade empreendedora e desenvolver e ampliar as possibilidades de inserção dessa juventude no mercado, mediante o aprendizado de ofícios e gestão de pequenos negócios.

Entre as ações de gestão da comunicação nos espaços educativos, podem ser citadas algumas palestras realizadas por membros do Grupo, principalmente sua participação em outros eventos como seminários e palestras, cujo objetivo é ampliar a conscientização e a presença dos negros em espaços políticos-educativos multirreferenciados.

#### **Área da Educação para a Comunicação: Eventos**

No âmbito da interface midiática, enquanto modelo dos estudos de recepção, podemos sugerir o agrupamento de alguns eventos que hoje já são esperados como “tradição”, como ações que se instalam na área da educação para a comunicação. Estamos aqui sugerindo uma discussão, ainda que preliminar, sobre o papel das entidades étnicas como criadoras de

articulações entre as comunidades, os meios e as sociedades contemporâneas, revertendo o processo de leitura da recepção, ou seja, a recepção como mediação e re-criação, na medida em que as sociedades do fim do milênio estão cada vez mais baseadas em redes de informações e imagens. Os meios de difusão são poderosos não porque representam um quarto poder, mas porque se constituem em espaços onde se ganha, se mantém ou se perde poder<sup>1</sup>. Nessa perspectiva, os meios passam a ser caracterizados como um dos espaços de articulação dos grupos com e para a sociedade, e vice-versa, num movimento dinâmico de entradas e saídas, na linguagem jornalística seria o poder de colocar em pauta um tema. Assim, os eventos produzidos pelo Ilê Aiyê — e pelos outros Grupos estudados — podem ser entendidos como momentos de educação para e com a comunicação, pautando as festas, os ensaios, os temas e revertendo esse movimento em reconhecimento e reprodução das diferenças.

**Festa da Beleza Negra** — Um dos eventos mais antigos do Grupo, esta festa tem o vigor de apresentar a estética negra como campo de beleza, de padrão de comportamento e de lançamento de novas configurações do ser negro na Bahia. Hoje, já são inúmeros os eventos que promovem e reiteram o orgulho de ser negro. A festa acontece em novembro, lembrando a data de Zumbi dos Palmares e visa escolher a negra mais bonita que vai representar a Beleza Negra durante o Ano, aparecendo sempre nos principais eventos, principalmente no Carnaval.

**Carnaval** — É sem dúvida o palco-mor de todas as festas, ele resume os movimentos dos ensaios, das aparições e da competição para ver quem vai ser o melhor Bloco Afro do ano. Há uma peculiaridade no Carnaval do Ilê, apenas negros podem fazer parte do Bloco e sair à rua. Traduzindo-se também como um espaço estético-político. A resistência à idéia de mesclagem de brancos é explicada por VOVÔ como um modo de atuação e de explicitação de que existem diferenças que não podem nem devem ser dissipadas apenas nos dias de carnaval.

**Ensaio do Bloco** — Os ensaios são momentos de convívio com os outros grupos sociais, incluindo aí as várias etnias e inserções sócio-econômicas. Nesse sentido, foram feitas várias experiências ao longo dos anos e os ensaios aconteciam em espaços múltiplos como o forte de Santo Antônio, local tombado que se situa no bairro do Carmo, no Centro Histórico, próximo ao Pelourinho, a quadra de esportes do Hotel Sofitel, entre outros, no intuito de permitir que este fosse o evento de mesclagem e de ação política e convival, além de associar-se aos interesses mercadológicos de difundir o trabalho musical do Grupo.

Hoje, os ensaios voltaram a acontecer no Curuzu, visando alimentar a força comunitária, principalmente nesse momento, quando os projetos do espaço cultural do grupo estão prestes a ser financiados. Dessa forma, a idéia força do grupo Ilê Aiyê se realça no próprio espaço significativo, denotando, assim, a valoração explicitada do processo educacional, na medida que as articulações comunicativas perpetradas retornam em forma de agenciamento criativo. A criação do movimento se reverte em obra. Em fevereiro de 2001, foi lançada a pedra fundamental para a construção do Centro Cultural Senzala do Barro Preto, a Casa do Ilê Aiyê, no Curuzu, bairro da Liberdade, em Salvador, um grande projeto arquitetônico, visando abrigar as atividades educacionais do grupo, com o patrocínio da Petrobrás, do BNDES e da Eletrobrás.

#### A Mediação Tecnológica da Comunicação na Educação e suas Interfaces

A utilização dos recursos tecnológicos por parte dos Grupos Afro tem uma forte relação com o mercado, o que vem ao encontro com a hipótese do trabalho de que as relações comunicativas não se restringem ao âmbito do consumo e do lazer, elas passam por uma rede complexa de relações políticas no sentido da inclusão da diferença de ser negro e criar mecanismos de visibilidade e reconhecimento ético/estético das singularidades e alteridades aí produzidas. Portanto, não podemos encontrar uma definição clara do que seja a área da mediação tecnológica na educação, porém arriscamos dizer que o uso de tecnologias eletrônicas que vão desde as mídias tradicionais até a utilização das novas tecnologias

comunicacionais, com ênfase na Internet, pode ser caracterizada como uma apropriação competente da mediação tecnológica da comunicação com e para a educação. Todas as ações relacionam-se fortemente com o mercado.

**Videoclipes** O composto imagem/música é o fator político-estético mais contundente das mediações tecnológicas produzidas pelos grupos afro-descendentes de Salvador. Em 2000, o Prêmio MTV, o mais cultuado para marcar o reconhecimento do sucesso mercadológico audio-fonográfico no mundo, atribui à música Pérola Negra, do Ilê Aiyê, cantada por DANIELA MERCURY, o prêmio de melhor videoclipe musical, em sua edição latino-americana e brasileira.

**O Site e a Internet:** A maioria dos grupos afro possuem *sites* e se utilizam da Internet como meio cotidiano para estabelecer as suas comunicações, como um novo meio de comunicação que amplia o uso da tecnologia para a difusão da imagem e das idéias do movimento criado pelos Grupos Afro na Bahia. Mostram as suas logomarcas, tocam as suas músicas, trazem as letras, e os eventos que estão produzindo, além de um forte apelo comercial para o carnaval, com chamadas para a compra de *abadás*<sup>1</sup>, sendo que os Grupos Ilê Aiyê e Olodum informam a filosofia de trabalho relacionada com a temática política afro-descendente, aliado à clara explicitação do trabalho educacional, com ênfase nos temas e textos inspirados na estética e ancestralidade da África, e na questão do resgate da cidadania e do orgulho de ser negro.

Programa de Rádio Tambores da Liberdade.

Em 2000, com o objetivo de aumentar o pouco espaço que as rádios comerciais dão para as músicas afro, ou de raiz, tipicamente produzida pelos blocos afro, alguns grupos se uniram e decidiram pela criação e produção radiofônica do Programa “Tambores da Liberdade”, que é emitido uma vez por semana, todos os sábados, no horário das 19 às 21 horas, na Rádio Salvador FM. Além da música, o Programa fala sobre os eventos e as novidades culturais e artísticos, tocando as músicas dos blocos mais antigos e conhecidos e dando abertura para novos talentos. O programa reúne três dos mais importantes grupos musicais afro da Bahia: Olodum, Ilê Aiyê e Malê de Bale. Segundo ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS, o VOVÔ do Ilê, essas entidades não abrem mão de fazer valer a sua ancestralidade:

Cantamos as músicas feitas por compositores da comunidade negra de Salvador, que não conseguem divulgar o seu trabalho nas rádios, como, por exemplo, Batatinha e Lazo. Nós somos parte da transfiguração de Salvador cidade onde o negro passou a ter orgulho de ser o que é. Nós contribuímos para que isso acontecesse, temos consciência disso e temos que seguir nessa linha.

Tais experiências e práticas educomunicativas revelam e evidenciam que os grupos afro-descendentes passam a utilizar, de forma mais evidente, as tecnologias da comunicação nos processos educativos, como política de reconhecimento e portanto de cidadania. Esses são apenas alguns exemplos de utilizações inaugurais de imagem pela mediação tecnológica como processo de participação via mercado, via consumo, mas também via reconhecimento<sup>1</sup>, numa aparentemente irrefutável visão pluricultural, onde a identidade deixa de ser tema do humanismo religioso transcendental para se constituir num espaço fragmentado de permanente desafio e disputa discursiva e social que objetiva a plena cidadania.